Aula 6

MATERIALIDADE LINGUÍSTICA E MATERIALIDADE DISCURSIVA

META

Discutir língua e texto para a Análise do Discurso.

OBJETIVOS

Ao final desta aula, o aluno deverá:

Entender a língua como não linear e que ela funciona segundo os processos discursivos;

Compreender o texto como materialidade discursiva que faz sentido por sua inserção em uma FD da qual é parte.

PRÉ-REQUISITOS

O aluno deverá ter conhecimentos básicos sobre as fases da AD;Formação Discursiva e Formação Ideológica.

Eugênio Pacelli Jerônimo Santos
Flávia Ferreira da Silva

INTRODUÇÃO

Prezado(a) aluno(a),

Vimos nas aulas 01,02 e 03 que a AD contou com três fases, vimos as mudanças a partir do esfacelamento da máquina discursiva, a partir da introdução da Formação Discursiva, da revisão dessa formação, e da introdução do Interdiscurso. Mas, você deve ter observado que a posição em relação à língua não sofre releitura como os três momentos desta disciplina. Isso se dá pelo fato de a língua ser tomada pelos analistas do discurso de corrente francesa como o recurso material que possibilita o acesso ao ideológico. A língua é para a AD de corrente francesa a realização do material do discurso. E o texto, nessa direção, é visto como materialidade discursiva já que ele materializa os discursos. É sobre a materialidade linguística e a materialidade discursiva que vamos discutir nesta aula.

LÍNGUA/LINGUAGEM NA CONCEPÇÃO DALINGUÍSTICA DE TEXTO

Vamos iniciar esta aula com uma breve retrospectiva da concepção de língua/linguagem para a Linguística de Texto. Isso possibilitará maior clareza a nossa discussão.

Koch e Elias (2006), no livro *Ler e compreender: os sentidos do texto* apresentam no primeiro capítulo três concepções de leitura, de texto e de sentido a partir das três concepções de língua/linguagem que vêm embasando os estudos da Linguística de Texto.

A primeira concepção vê a língua como representação do pensamento. Nela, há uma concepção de consciência individual no uso da linguagem. A partir dessa concepção, o sujeito é concebido como psicológico, individual e, consequentemente, dono de suas vontades e de suas ações. Este sujeito é caracterizado por um ego que constrói uma representação mental. É um sujeito cartesiano, sem história. Ele deseja que o interlocutor capte a mensagem como foi mentalizada. O texto, consequentemente, é tomado como um produto (lógico) – por ser visto como pronto, acabado – do pensamento e, dessa forma, nada cabe ao leitor. Nessa direção, o sentido é de responsabilidade do sujeito da enunciação, ou seja, o sentido é fechado.

A segunda concepção tem a língua como estrutura, nesse caso, quem fala é um sujeito anônimo, mas a ideologia dominante, segundo Possenti (s/d), dá-lhe a ilusão de pensar livre. Para essa concepção de língua, o sujeito é determinado, assujeitado pelo sistema, é repetidor, caracterizado por uma não-consciência. O texto, é tomado como simples produto da codificação do emissor a ser decodificado pelo leitor/ouvinte. Como você pode perceber, o texto, a exemplo da primeira concepção, é também tomado como

pronto, explícito e o dizer é propriedade exclusiva da explicitude do texto. O leitor, nessa concepção, é passivo, pois o sentido está no próprio texto, explícito, "basta" que o leitor o descubra.

A terceira e última concepção de língua é a que a tem como lugar de interação, é a concepção dialógica, interacional que considera a língua, sempre, como um projeto do dizer. Para essa concepção o sujeito assume um caráter social, histórico e ideologicamente situado. É ator social, participante do sentido. Sendo assim, o texto deixa de ser produto, como visto nas duas concepções anteriores e passa a ser visto como o próprio lugar da interação. É um evento comunicativo, onde a interação é construída, onde os implícitos são compreensíveis a partir do contexto sociocognitivo dos participantes da interação. Nele, os sujeitos se constroem e são construídos. O sentido, então, é tomado como uma atividade interativa complexa que se realiza também como base linguística, mas requer saberes outros, sendo assim, o dizer está associado ao contexto sociocognitivo e interacional e não apenas a superfície do texto como visto na concepção anterior.

No entanto, essas concepções não são adotadas pela Análise do Discurso de corrente francesa. Vamos entender como isso funciona?

CONCEPÇÃO DE LÍNGUA PARA A ANÁLISE DO DISCURSO FRANCESA?

Na década de 60 do século passado, os estudiosos passaram a compreender melhor o fenômeno da linguagem além dos "limites estabelecidos por Saussure". A AD, que também surge nesse período, passa a considerar na estrutura apontada por este teórico o caráter também social, histórico e ideológico que perpassa a estrutura. Isso significa dizer que essa estrutura passa a ser afetada pelo exterior da língua e funciona como materialização do discurso. É a partir dessa estrutura que se chega aos processos discursivos.

Não é possível para a AD considerar apenas o aspecto estrutural, ou seja, conceber a língua como autônoma, pois esta é, como já dito, afetada pela exterioridade. Segundo Orlandi (1996, p.20) "a linguagem é um sistema de relações de sentido no qual, a princípio, todos os sentidos são possíveis, ao mesmo tempo em que a materialidade impede que o sentido seja qualquer um". Há um constante embate entre possibilidades de sentido e a própria materialidade linguística apresenta indícios que possibilitam ao analista efeitos de sentido. Para Pêcheux e Fuchs (1975, p. 172) a língua constitui o lugar material em que se realizam estes efeitos de sentido.

Para a AD as palavras não têm o sentido óbvio, como estabelecido convencionalmente, nem é "lógica". Para a AD a língua funciona segundo os processos discursivos. O sentido é da ordem da Formação Discursiva que materializa as Formações Ideológicas que são da ordem da história. Isso significa dizer que a estrutura linguística, a "gramática" , pode ser a

mesma, mas os sentidos podem ser diferentes, se pertencerem a Formações Discursivas diferentes.

De acordo com Possenti (s/d), a AD não tem uma teoria da língua, isto é, uma teoria da gramática da língua, (...) sua especificidade é o campo do sentido. A língua interessa a AD pela possibilidade de sentido. A língua é o aspecto material do discurso.

CONCEPÇÃO DE TEXTO?

O texto para AD constitui uma unidade de análise – a materialidade discursiva. A AD não associa texto e contexto como o faz a Linguística de texto, por exemplo, como vimos no início desta aula. É entendido como materialidade discursiva (uma unidade de análise) na qual a memória ganha corpo (ORLANDI, 2006).

Você pode está se perguntando se o texto não é importante para a AD, não é isso? O texto é sim importante para a AD, mas sua importância se dá porque cada texto faz parte de uma cadeia, por ser uma superfície discursiva, ou seja, uma manifestação aqui e agora de um processo discursivo específico. Neste caso, o texto é um objeto linguístico-histórico, de modo que a história e a ideologia não se configuram como elementos externos ao texto. Nos termos de Orlandi (2006: 23) não se trata de trabalhar a "historicidade refletida no texto, mas a historicidade do texto, isto é, trata-se de compreender como a matéria textual produz sentidos".

Um texto faz sentido por sua inserção em uma Formação Discursiva, em função de uma memória discursiva, do interdiscurso, que o texto retoma e do qual é parte. (Possenti, s/d)

Para Possenti (s/d) o texto deveria ser concebido como uma das manifestações do próprio discurso.

CONCLUSÃO

Como vimos, a Análise do Discurso de corrente Francesa não apresenta uma teoria da língua nem de texto, sua especificidade está no campo do sentido. A língua nessa perspectiva, constitui uma materialidade, é o aspecto material do discurso, através do qual é possível acessar os efeitos de sentido presentes nos textos, vistos como materialidades discursivas. Os textos, como vimos, constitui uma unidade de análise, é uma manifestação aqui e agora de um processo discursivo específico, que faz sentido por sua inserção em uma Formação Discursiva, em função de uma memória discursiva, do interdiscurso, que o texto retoma e do qual faz parte, segundo Possenti.

Portanto, a função da AD é explicar porque o texto (materialidade discursiva) faz sentido, e a língua (materialidade linguística) constitui, nesse universo, o elemento que materializa o discurso.

RESUMO

Nesta aula discutimos a materialidade linguística e a materialidade discursiva para a Análise do Discurso de Corrente Francesa. Vimos que a materialidade linguística são as marcas linguísticas presentes no enunciado, seria toda a massa textual a que se tem acesso em um texto escrito ou falado. Vimos que é essa materialidade afetada pela exterior da língua que possibilita ao analista do discurso refazer os processos discursivos, formulando alianças e embates, considerando o caráter da opacidade e da não autonomia da língua. Vimos também que a materialidade discursiva seriam os textos nos quais os discursos são materializados, o que significa que os analistas do discurso analisam materialidades discursivas e não textos. E, por último, vimos que os efeitos de sentido são possíveis a partir da inserção dessa materialidade discursiva (texto) em uma Formação Discursiva, em função de uma memória discursiva, do interdiscurso, que o texto retoma e do qual é parte.

ATIVIDADES

A partir do que foi discutido nesta aula, responda:

1. Como a análise do discurso de corrente francesa concebe a língua?
2. O que é materialidade discursiva para a AD?
3. Agora, a partir dos conceitos vistos por você até esta aula, analise os efeitos de sentido produzidos na materialidade que segue:

Figura 1: Capa da revista CartaCapital
(Fonte: http://www.cartacapital.com.br/revista/754).

COMENTÁRIO SOBRE AS ATIVIDADES

Para sua análise é preciso considerar antes de tudo que, de acordo com Orlandi (1996),a proposta da AD é: a) remeter o texto ao discurso; b)esclarecer as relações deste com as Formações Discursivas, pensando as relações destas com a ideologia. E ainda, afirma a autora, considerar que cabe ao analista, com seus dispositivos, examinar, na prática da linguagem, quais são mais prováveis, quais se realizam e quais restam como possíveis. Sem fechar o círculo, pois sabemos que o discurso é caracterizado pela incompletude dos sentidos e dos sujeitos. (ORLANDI, 1996, p.60). Sendo assim, você pode fazer inúmeros questionamentos para fazer sua análise. Considere a imagem, o que você pode ver nela? Onde e quando foi veiculada? É preciso buscar as condições de produção, não apenas as imediatas,

mas também as amplas. É preciso considerar os aspectos históricos das manifestações ocorridas no Brasil em junho de 2013 e a relação do povo com essas manifestações e com as anteriores também, mas nesta, especificamente, o que é caracterizado como "povo"? De onde vêm esses manifestantes e o que eles querem? Você precisa atentar para seu propósito na análise, o que você busca? Em função disso, quais os efeitos de sentido da materialidade linguística presente na imagem? O que diz a superfície linguística? Quais os sentidos possíveis? O que significa "parem de subestimar o povo" e "ninguém controla a rua"? em termos dominantes, o que isso significa?

PRÓXIMA AULA

Na próxima aula, a de número 7, estudaremos memória discursiva. Esta diz respeito à existência histórica do enunciado no interior de práticas discursivas reguladas por aparelhos ideológicos.

AUTOAVALIAÇÃO

A partir desta aula consigo entender qual o papel da língua para a AD?

Consigo entender que a materialidade discursiva seriam os textos nos quais os discursos são materializados?

REFERÊNCIAS

KOCH, Ingedore. & ELIA, Vanda Maria. **Ler e compreender:** os sentidos do texto. São Paulo: Contexto, 2006.

ORLANDI, E. Análise do Discurso. In.: ORLANDI, Eni & LAGAZZI-RODRIGUES, Susy (Orgs.) **Discurso e textualidade**. Campinas: Pontes, 2006

ORLANDI.E. A linguagem e seu funcionamento. Campinas. Pontes. 1996.

PÊCHEX, M. e FUCHS, C. Apropósito da análise automática do discurso: atualizações e perspectivas [1975]. In.: GADET & HAK (Org.) **Por uma análise automática do discurso:** uma introdução à obra de Michel Pêcheux. Campinas, SP: Ed. Da Unicamp, 1990.

POSSENTI, Sírio. **Teoria do discurso:** um caso de múltiplas rupturas. Curso ministrado por Sírio Possenti. (Mimeo.) s/d.